

Organizadores

Fabiano Godinho Faria & Mauro Luiz Barbosa Marques

Giros à direita

Análises e perspectivas
sobre o campo
libero-conservador





Fabiano Godinho Faria é graduado e mestre em história social pela Universidade Federal Fluminense e doutor pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente leciona como professor efetivo no Instituto Federal do Rio de Janeiro.



Mauro Luiz Barbosa Marques é historiador. Doutor pela UNISINOS (RS) e professor no Instituto Federal de Pernambuco. Dedicar-se à pesquisa em temas como mundo do trabalho e história dos pensamentos políticos.

Organizadores

Fabiano Godinho Faria & Mauro Luiz Barbosa Marques

Giros à direita

Análises e perspectivas
sobre o campo
libero-conservador



Sobral
2020

**SER
TÃO
CULT**

Giros à direita: Análises e perspectivas sobre o campo líbero-conservador

© 2020 copyright by Fabiano Godinho Faria & Mauro Luiz Barbosa Marques (Orgs.)

Impresso no Brasil/Printed in Brasil



Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1138
Renato Parente - Sobral - CE
(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222
contato@editorasertaocult.com
sertaocult@gmail.com
www.editorasertaocult.com

Coordenação do Conselho Editorial

Antonio Jerfson Lins de Freitas

Conselho Editorial

Antonio Jerfson Lins de Freitas
Antonio Iramar Miranda Barros
Camila Teixeira Amaral
Carlos Augusto Pereira dos Santos
Cícero João da Costa Filho
Francisco Dênis Melo
Geranilde Costa e Silva
Gilberto Gilvan Souza Oliveira
João Batista Teófilo Silva
Juliana Magalhaes Linhares
Maria Aparecida de Sousa
Raimundo Alves de Araújo
Raul Max Lucas da Costa
Regina Celi Fonseca Raick
Tito Barros Leal de Pontes Medeiros
Valeria Aparecida Alves
Viviane de Souza Lima
Telma Bessa Sales

Coordenação Editorial e Projeto Gráfico

Marco Antonio Machado

Revisão

Antonio Jerfson Lins de Freitas

Ilustrações

Mateus de Paula Pimentel Ferreira

Catálogo

Leolgh Lima da Silva - CRB3/967

G527 Giros à direita: análises e perspectivas sobre o campo líbero-conservador./ Fabiano Godinho Faria, Mauro Luiz Barbosa Marques, (Organizadores). - Sobral- CE: Sertão Cult, 2020.

254p.

Número ISBN: 978-65-87429-04-5 - papel
Número ISBN: 978-65-87429-05-2 - E-book-pdf
Doi: 10.35260/87429052-2020

1. Política. 2. Liberalismo. 3. Conservadorismo. 4. Progressivismo. I. Título. II. Faria, Fabiano Godinho. III. Marques, Mauro Luiz Barbosa.

CDD 324.281

*Agradecemos o apoio das seguintes entidades sindicais
de servidores dos Institutos Federais de
Educação, Ciência e Tecnologia:*



Sumário

Apresentação / 9

Extrema direita e neofascismo: um fenômeno planetário: o caso Bolsonaro / 13
Michael Löwy

Neoliberalismo e (neo)autoritarismo: uma perspectiva de longo prazo a partir de casos do cone sul da América Latina / 20
Hernán Ramírez

Ultraliberalismo autoritário e o aprofundamento da dependência: o governo de extrema direita no Brasil no contexto da crise latino-americana / 46
David Moreno Montenegro

A reorganização da extrema direita latino-americana no ascenso bolsonarista: fóruns e redes organizativas / 71
Rejane Carolina Hoeveler

A direita unida em torno de Bolsonaro: uma análise da rede conservadora no Facebook / 90
Celina Lerner

Alguma coisa está fora do tempo: a doutrina da guerra revolucionária e o delírio anticomunista da família Bolsonaro / 122
Fabiano Godinho Faria

Um balanço crítico dos primeiros 18 meses da política educacional do governo Bolsonaro / 159
Michelangelo Torres

A revolução a partir da extrema direita: análises dos projetos da Ação Integralista Brasileira (AIB) e do Nacional Sindicalismo (N/S) / 174
Felipe Cazetta

Armas, literatura ‘panfletária’ e antissemitismo: a postura conservadora de Gustavo Barroso no Brasil dos anos 1930 / 193

Cícero João da Costa Filho

Uma direita “plural”: configurações ideológicas e organizações políticas da direita brasileira contemporânea / 222

Fábio Gentile

Um fantasma ronda o mundo, o fantasma de Gilead / 241

Mauro Luiz Barbosa Marques

Apresentação

Parece evidente um crescimento expressivo de correntes denominadas como “extrema direita”, entre outros termos, que chegaram ao poder em várias partes do mundo, desde a América, com EUA, Brasil e Colômbia, passando pela Europa, de Hungria e Polônia, chegando à Ásia, de Israel, Turquia e Índia, entre tantos outros Estados Nacionais. Especialmente após a crise econômica global de 2008, saídas por este viés socioeconômico tiveram seu grau de influência ampliado imensamente.

Tal fenômeno não demonstra ser efêmero, apesar de importantes dificuldades onde é aplicado na gestão estatal. Ainda que não reste clara a duração desse processo, ele merece toda atenção e problematização necessárias, pois traz às disputas políticas globais novos elementos nem sempre compreendidos, especialmente pela massa crítica progressista. Estes alinhamentos vinculados à direita extrema, via de regra, combinam de forma contraditória e complementar aspectos conservadores e ultraliberais, regados a práticas autoritárias de cunho neofascista. Em comum, tendem a rejeitar ou reagir a qualquer risco que coloque em xeque a ordem instituída, apesar de uma aparência difusa antissistêmica. Este avanço das direitas extremas pode ser um desdobramento do fracasso do neoliberalismo tradicional em promover a elevação geral do nível de vida pela instalação de uma sociedade de competição perfeita. Como os resultados foram o oposto, apostam numa guinada de ódio em que culpabilizam os setores política e socialmente mais vulneráveis. Ao mesmo tempo, alternativas políticas ao modelo neoliberal tiveram inúmeras dificuldades e limites nas práticas políticas efetivas.

Desde suas origens, os conservadores são umbilicalmente ligados à defesa da tradição, da hierarquia e temem o “novo”. Historicamente ligam-se a uma ideia de alternativa global à modernidade, ao pensamento progressista e especialmente revolucionário, que reduziu o poder do chamado *Antigo Regime* europeu. Correntes liberais contribuíram em muito para tal virada histórica difundindo ideias sobre a possibilidade do indivíduo autônomo aperfeiçoar sua vida a partir de transforma-

ções baseadas na iniciativa, no progresso e na racionalidade. Curiosamente, liberais e conservadores se aproximaram em muitos sentidos, especialmente a partir da metade do século XIX. Mergulhar em tal problemática, também debatida aqui nesta obra, tem sua centralidade para entender tal processo político contemporâneo. Apenas o pragmatismo político explica tal aproximação?

Os elementos contemporâneos após 2008 carregam um cenário marcado pela decadência econômica e a busca da retomada da taxa de lucros do capital, a constante migração massiva em diversos pontos do planeta, especialmente no sentido “sul-norte”, o desemprego e precarizações extremas da força de trabalho. A falta de respostas de governos de diversas matizes distintas da extrema direita, entre outros fatores, se somam num caldeirão que permite a nova germinação de valores se não esquecidos, bastante minoritários no pós 2ª Guerra Mundial. Assim, neste momento em que o pêndulo político global se movimenta à direita, organizamos esta publicação e convidamos à sua leitura. É pretendido aqui discorrer sobre características, origens, concepções e práticas das “direitas”, em suas diversas matizes, priorizando a compreensão deste problema na contemporaneidade, mas debruçado na longa duração para a devida e aprofundada análise do tema.

Para tal objetivo, onze autores com seus respectivos artigos estão aqui elencados. **Michael Löwy** abre a série de capítulos desta obra discorrendo sobre a amplitude planetária da ação da direita extrema, dialogando com conceitos como fascismo, populismo e neofascismo, colocados à luz da prática política destes partidos e governos espalhados por inúmeros países. Ainda na perspectiva transnacional, fundamental ao tema, **Hernán Ramírez** traz a origem do neoliberalismo, especialmente no Cone Sul americano, e o relaciona com as engrenagens de sistemas autoritários praticados nos Estados da região e chega, temporalmente, a debater tal relação no tempo presente.

David M. Montenegro analisa a ascensão do governo Bolsonaro dialogando com o conceito de fascismo dependente pensado na longa duração, tendo como partida os regimes civis militares surgidos da década de 1960 em diante no espaço latino-americano e superando as variadas experiências de esquerda que assumiram o poder a partir do final do século passado. Na perspectiva do tempo presente, **Rejane C. Hoeweler** traz em seu capítulo um estudo sobre as múltiplas relações políticas, militares e empresariais entre as extremas-direitas latino-americanas, bem como suas conexões no último período, especialmente com a eleição de Jair Bolsonaro.

O capítulo escrito por **Celina Lerner** utiliza grafos que demonstram as relações entre mais de nove mil grupos no Facebook que formaram a rede libero-con-

servadora atuante nos últimos anos no Brasil. Uma impressionante radiografia deste instrumento utilizado pelos setores de direita com grande competência e ousadia neste período recente. Por sua vez, **Fabiano Godinho Faria** resgata a Doutrina da Guerra Revolucionária, uma espécie de “teoria da conspiração” importada do exército francês no final da década de 1950, que se tornou a alma da conspiração que derrubou João Goulart. No governo de Jair Bolsonaro, em pleno século XXI, essa mesma doutrina está sendo novamente resgatada das cinzas para justificar o renovado combate à ameaça do comunismo.

Navegando de forma comparativa entre os primeiros períodos republicanos de Brasil e Portugal, **Felipe Cazetta** retrata o embate do integralismo lusitano e brasileiro contra o liberalismo, as correntes socialistas bem como às formas democráticas, mesmo mínimas, de organização societal. No mesmo período histórico, **Cícero João da Costa Filho** analisa a trajetória intelectual de Gustavo Barroso, com destaque ao antissemitismo como elemento fundamental do projeto integralista do qual este intelectual nordestino ocupava a função de chefe da milícia. Nestes dois artigos, o integralismo é desnudado como importante corrente conservadora do início do século passado.

Fabio Gentile pensa em seu artigo configurações ideológicas e as organizações políticas da direita brasileira contemporânea. Traz e analisa a categoria de direita “plural”, destacando a tensão liberalismo-autoritarismo, algo presente na história do Brasil. Assim, o fenômeno da direita brasileira é pensado pelo autor numa perspectiva histórica e vinculado às tradições doutrinárias de longa duração. Por seu turno, **Mauro Luiz B. Marques** apresenta uma análise contextualizada da série distópica de imenso sucesso “O Conto da Aia”. Indo bem além do conteúdo da série em si, o autor relaciona a proposta ficcional distópica da autora com o cenário estadunidense, especialmente nas décadas de 1970 e 1980, bem como desnuda aspectos centrais da doutrina ultra-liberal e ultraconservadora daquele país.

Michelangelo Torres aborda uma análise crítica dos primeiros 18 meses da política educacional do governo de extrema direita no Brasil. O andamento da análise recai sobre as continuidades e descontinuidades da política educacional no governo Bolsonaro em relação a governos que o precederam. A hipótese é que há, por um lado, o intuito de uma consolidação ideológica de base conservadora que pretende impor, por viés autoritário, uma nova face à educação no País com requinte de perversidade e obscurantismo (apoiado no conservadorismo e em um grupo fundamentalista de extrema direita), no intuito de ceifar qualquer perspectiva de autonomia ou pensamento crítico.

Tais textos analisam as práticas políticas libero-conservadoras-autoritárias planetárias, com destaque ao cenário nacional. Esta coletividade de autores espera contribuir para o pensamento crítico, libertário e de resistência a um mundo em disputa e que, perigosamente, pode voltar a beirar o obscurantismo societal.

Os organizadores

Fabiano G. Faria & Mauro Luiz B. Marques

Um fantasma ronda o mundo, o fantasma de Gilead



Mauro Luiz Barbosa Marques¹

Distopia, mas nem tanto

Em 1985, refletindo o contexto estadunidense de forte ascensão libero conservadora em tempos de governo Reagan, Margaret Atwood escreveu “O Conto da Aia” (*The handmaid’s tale*). Alcançou grande sucesso e prêmios da área literária, tendo sua obra adaptada para óperas e um filme sem tanto destaque, em 1990. Recentemente, em 2017, o livro é readaptado para uma série homônima produzida pela plataforma de streaming *Hulu*. Mais uma vez se revela um grande sucesso de público e audiência, naturalmente embalado por uma nova e intensa retomada no contexto internacional e estadunidense dos valores conservadores.

Na década de 1980, ao escrever seu livro, Atwood captou elementos sensíveis da política interna dos EUA daquele momento: a denominada “Era Reagan” se consolidava como uma espécie de “*antinewdeal*” a partir do desmonte de determinadas ações e regulações estatais fruto dos anos anteriores marcados por certa expansão no pós-guerra. Vale ressaltar que os Democratas, no governo Carter, iniciaram a seu tempo uma série de desregulamentações, abrindo caminho para, no período Reagan, ocorrer o aprofundamento do chamado modelo neoliberal.

Reagan é eleito em 1980, mas nos anos anteriores os valores e políticas que o sustentaram se constituíram e ganharam escopo. Nos anos 1970 foi ampliada a visibilidade de movimentos contrários à ampliação dos direitos civis, reativos aos movimentos sociais e identitários em franca ascensão. Assim, nas ruas e nos tribunais foram questionadas ações afirmativas, cotas para negros e negras, bem como avanços nos direitos femininos.

1 Doutor em História, professor no IFPE, Campus Belo Jardim. Bolsista da Propesq/IFPE, e-mail: mauro.238@hotmail.com.

Foi emblemático o movimento *STOP ERA (Equal Rights Amendment)*, liderado por Phyllis Schlafly. Segundo Power, tal militantismo à direita nos EUA daquele período tinha nas experiências sul-americanas (especialmente brasileira e chilena) referência, o que demonstra o caráter internacional da corrente política:

Em 1977, quando o repúdio mundial ao regime Pinochet era generalizado, Schlafly elogiou o sucesso do governo militar na troca do preso, líder do partido comunista do Chile, Luis Corvalán, pelo dissidente Vladimir Bukovsky, da União Soviética. No mesmo artigo, ela criticou o governo Allende como um “desastre”, elogiou o regime militar por pilotar a “recuperação” do Chile e exaltou as “mulheres que iniciaram a derrubada de Allende”. “Em 3 de dezembro de 1973, [a marcha ocorreu a 01 de dezembro de 1971], elas protagonizaram uma demonstração impressionante, chamada de Marcha das Panelas Vazias. Milhares de mulheres marcharam pelas ruas de Santiago batendo com colheres em suas panelas e frigideiras vazias” (POWER, 2014, p. 81-82).

Schlafly foi a liderança feminina oponente à chamada Emenda dos Direitos Iguais (ERA). Priorizou argumentos que, segundo boa parte dos analistas, levou a não aprovação do projeto, pois eram necessários 38 estados favoráveis, após a aprovação no Congresso Nacional em 1972. Entre outras coisas, o movimento *STOP ERA* argumentou que a igualdade pretendida pararia com os privilégios femininos, como ser esposa dependente, ter previdência especial, usar banheiros separados e até mesmo não cumprir o serviço militar. Após forte polarização, a emenda foi derrotada.

O ativismo à direita, espalhado pelo continente, não se resumiu ao tema acima. Cada vez mais segmentos combatiam os resquícios do *New Deal* sob a perspectiva conservadora e liberal.² Tais forças se colocavam como alternativa e acreditavam ser a mudança em contraposição aos antigos princípios políticos e econômicos. Assim, a direita Republicana conseguiu unificar o partido em torno de Ronald Reagan, um ator de filmes de faroeste em *Hollywood*.

2 O *New Deal* foi influenciado pela teoria econômica de *John Maynard Keynes* e era baseado na mediação econômica do Estado para garantir o bem-estar da população, distinto das raízes conceituais liberais. Tal plano surgiu em momento de grave crise nos anos 1930 e buscava a geração de empregos através da articulação de investimentos estatais e privados. Os sindicatos eram agentes deste processo, na perspectiva da redução dos conflitos de classe, algo nem sempre alcançado. O relativo êxito do projeto revigorou ao menos em parte o capitalismo estadunidense e isolou política e economicamente as ideias liberais extremas ou neoliberais naquele momento. Geralmente, o *New Deal* é vinculado ao *welfare State*, políticas de bem-estar social, também presentes na Europa, com forte presença do Estado, que garantia uma distribuição menos desigual de renda e criava infraestruturas necessárias a uma vida digna para boa parte população (ver PURDY, 2008).

Ainda nos anos 70, Weyrich e Feulner fundaram um novo *think tank*, a Fundação *Heritage*, importante difusor dos valores conservadores e de livre mercado. Ainda, o *Wall Street Journal* tornou-se porta-voz do neoliberalismo, ampliando sua propaganda e afirmação. As forças neoconservadoras tornaram-se expoentes e, na ausência de uma alternativa distinta, ocuparam o espaço político buscando cumprir o papel de protagonistas da mudança, da novidade.

Reagan e seus partidários sugeriam que havia uma contradição entre liberdade e igualdade. Os programas sociais traziam uniformidade, eram injustos, bem como a igualdade plena “seria economicamente contraproducente, politicamente perigosa e um apelo a demagogia”. Com tal conceito, a prioridade central de Reagan passou a ser o controle da inflação e a resolução do conflito distributivo e de poder interno a favor das classes proprietárias, via favorecimentos visando acúmulo de capital. “No plano externo, [...] se tentava derrotar de vez a União Soviética”, este era o inimigo externo, a ameaça constante presente na propaganda conservadora (MELLO FILHO, 2011, p. 70-71).

Entre outras figuras, destaca-se Russel Kirk: ideólogo que chegou a ser agraciado com a medalha da ordem de mérito da presidência por serviços prestados aos EUA, elevadíssima condecoração, oferecida na gestão Reagan. Na ocasião, o presidente teria afirmado, ainda, que Kirk influenciara toda uma geração com seus valores conservadores, sendo uma espécie de profeta das tradições estadunidenses.

Tais valores estão sintetizados no famoso texto *Política da Prudência*, publicado na língua inglesa no ano de 1993, no qual Russel elenca os dez princípios conservadores fundamentais que devem ser observados, segundo ele. A moral deve ser duradoura, a pessoa conservadora deve aderir ao costume e à continuidade. Reformas geralmente não são bem vistas e a vida tradicional impede o “igualitarismo entorpecente dos sistemas radicais”. É preciso preservar a ordem e a divisão social em classes, assim como o direito inalienável à propriedade, esta combinada à ideia de liberdade. Ainda, o conservador deve crer numa ordem transcendente e em leis naturais. A nostalgia do passado deve ser valorizada e a força da fé no Juízo Final, citado como exemplo de momento de igualdade para todos.³

A política, segundo Kirk, tinha o papel de “regenerar o espírito e o caráter dos cidadãos”, o que se daria a partir do entendimento e da sanção religiosa basilar para a vida sustentada nos princípios acima descritos (BIANCHI, 2015, p. 252-253). Tais valores se difundiram na sociedade estadunidense no período analisado e resgatavam o estilo de ser da nação, em certo sentido, enaltecendo costumes e valores da antiga vida colonial, mantidos na longa duração.

3 Disponível em: <http://manifestoconservador.blogspot.com/2005/09/dez-principios-conservadores.html>. Acesso em: 30 nov. 2019.

Adaptados aos anos 1970/1980 e aplicados no poder da presidência da República, tais concepções se aliaram no campo econômico à perspectiva ortodoxa neoliberal, firmemente aplicada na economia. O elemento moral e dos costumes passa a ter destaque, ao mesmo tempo, e ocorre um forte investimento na área militar, em tempos finais da Guerra Fria contra a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas - URSS. Entre 1982 e 1987, os Estados Unidos conheceram certo crescimento em seu Produto Interno Bruto - PIB, numa média anual de 3,4%. Ao lado da queda inflacionária, a sociedade nortista viu a criminalidade aumentar, a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida - AIDS tornou-se um sério problema de saúde, além da explosão do consumo de drogas e a queda da natalidade. Cortes drásticos foram realizados nas áreas sociais, enquanto os gastos militares cresceram em 40%.

Os anos 1980 também foram marcados pela menor índice de taxa fecundidade em sua história, ficando abaixo de 1,8 filho por mulher. Tema central na trama de Atwood, tal dado é impactante numa sociedade na qual as mulheres tinham em média 7 filhos logo após a independência das Treze Colônias, em 1776.⁴

Visivelmente, o contexto acima descrito foi o caldo de cultura no qual floresceu O Conto da Aia. Neste capítulo, é pretendido analisar a obra escrita combinada com a série televisa de forma complementar, não sendo objetivo central a comparação das duas expressões da história. Por outro lado, a partir da análise da ficção, será realizado um destaque à aplicação hipotética de modelos ultraconservadores em forma de regime político e de regramento moral à sociedade. Segundo a própria autora da história, seu livro mais famoso e com sucesso bombástico em sua revisita a partir de 2017, é baseado em uma série de fatos reais combinados. Assim, Atwood se inspirou em casos históricos de opressão às mulheres para construir sua narrativa.⁵

A 1ª temporada da série televisa tem os elementos centrais do livro de 1985, enquanto a 2ª e 3ª temporadas foram elaboradas pela produção da série com a parceria de Margaret, consultora para os aspectos inovadores ali presentes em comparação à obra seminal.⁶ Ainda, ao final de 2019, foi lançada a continuidade em forma de livro do Conto da Aia, trata-se de “*The Testaments*”, também distante das temporadas até agora lançadas pela série: ambientado 15 anos após a trama até agora conhecida, tal obra é narrada por três mulheres. O livro recém lançado

4 Sobre dados da taxa de fecundidade nos EUA ver <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/588213-a-queda-da-fecundidade-nos-eua>, acesso em 5 nov. 2019.

5 “Há um precedente na vida real para tudo no livro. Decidi não colocar nada que alguém em algum lugar já não tenha feito” (Atwood, em entrevista à revista *People*, no ano de 2017).

6 Criada por Bruce Miller e produzida pelo canal de *streaming* estadunidense *Hulu*, no início de 2020 a 4ª temporada se encontrava em estágio inicial de produção, mas se viu paralisada em função da pandemia internacional do coronavírus.

já consta entre os dez mais vendidos na área de ficção, segundo levantamento da revista *Veja*. A obra de 1985 tem esta marca há cem semanas não consecutivas, por vezes entre os primeiros três lugares. Trata-se de uma das obras mais vendidas no país.

O sucesso e a popularização da história de fato surpreendem. Em simples pesquisa nas redes sociais brasileiras, ao final de 2019, são encontrados cinco grupos de debates no *Facebook*, sendo que o mais movimentado tem cerca de 22 mil membros. Também cinco páginas dedicadas à série tiveram mais de 20 mil curtidas. Além disso, os fãs contam com um site ligado à *Hulu* integralmente dedicado à série. A página do *Facebook* vinculada a este site tem mais de um milhão de curtidas.⁷

Em 2017, a série conquistou importantes prêmios no *Emmy*, como melhor roteiro, série dramática, atriz, diretor e atriz coadjuvante. No ano seguinte, dois Globos de Ouro, para melhor atriz e série dramática. Assim, pode-se afirmar que a ficção e suas obras, tanto escrita como televisiva, tem impacto massivo e gera debates importantes entre os amantes de literatura e TV.

A distopia extrema

A República ficcional de *Gilead* se organiza a partir de um regime que se aproxima de um fascismo extremo, patriarcal e de fundo teocrático. Ao contrário de outras ficções distópicas, como no filme *Mad Max*, *Gilead* é colocada como uma sociedade organizada e não pós-apocalíptica ou imersa em caos absoluto. Neste sentido, está mais próxima do romance de George Orwell, 1984.

Tal organização societal se dá como uma afirmação e uma reposta ultraconservadora à crise vivida pela sociedade estadunidense, com todos os elementos de uma disputa conspirativa e articulada pelo poder e, após sua conquista, de uma transição para o ultra autoritarismo. Em que pesem todos estes elementos políticos e de ação estatal, a história é narrada a partir da vida doméstica e da relação entre os personagens ali colocados, o que não impede uma visão geral sobre o regime político, aos poucos descortinado para os leitores ou telespectadores.

Antes da consolidação de *Gilead*, a queda do regime estadunidense se dá por um golpe armado. Uma resposta pela ultra direita de fundo teocrático à profunda crise do país:

Foi depois da catástrofe, quando mataram a tiros o presidente e metralharam o Congresso, e o exército declarou um estado de emergência. Na época, atribuíram a culpa aos fanáticos islâmicos. [...] Foi então que suspenderam a constituição. Disseram

⁷ Ver <https://www.handmaidsbrasil.com> e @handmaidsbrasil on Twitter.

que seria temporário. Não houve sequer nenhum tumulto nas ruas. As pessoas ficavam em casa à noite, assistindo à televisão, em busca de alguma direção. Não havia nem um inimigo que se pudesse identificar (ATWOOD, 2017, p. 208).

O elemento subjetivo é identificado na ficção como a organização surgida nos “ultrassegredos Laboratórios de Ideias dos Filhos de Jacob, nos quais a filosofia e estrutura social de Gilead foram concebidas e forjadas” (ATWOOD, 2017, p. 359). Na série, pôde ser visto o recrutamento do motorista Nick, por exemplo, ainda antes do regime totalitário para tal organização. Os Filhos de Jacob articularam toda a oposição e crítica à velha sociedade dos EUA e, como alternativa fundacional, eles lançam a culpabilização das mulheres, de forma generalizada, pelos principais males da época.

Assim, gradualmente as mulheres perdem seus direitos, mesmo os mais básicos, situação inimaginável numa sociedade moderna e estável. Incrédulas, as pessoas acompanham confortavelmente pela TV, enquanto protestos são brutalmente reprimidos com tiros e armamento pesado. A sociedade se militariza. Inicialmente, elas perdem os direitos ao trabalho fora de casa, aos seus bens - agora administrados pelos maridos - e são criminalizadas em caso de segundo casamento. A “lei” garantia o conceito fundamental deste processo: “[...] um homem estéril não existe, não oficialmente. Existem apenas mulheres que são fecundas e mulheres que são estéreis, essa é a lei” (ATWOOD, 2017, p. 75).

Um elemento central na trama é a queda brusca de fertilidade, algo que o regime coloca na responsabilidade exclusiva das mulheres, ao mesmo tempo em que arquiteta um plano social para reverter tal quadro. Assim, junto a uma rígida estratificação de uma sociedade redividida em ordens com funções específicas e sem mobilidade, surgem as aias. Originalmente vistas como damas de companhia, as aias seriam as mulheres férteis capazes de gerar filhos para os comandantes e suas esposas em *Gilead*, especialmente aqueles com mulheres estéreis. Comandantes, por sua vez, eram os líderes da cúpula do regime, que funcionava numa espécie de colegiado, aparentemente.

A principal personagem da trama - e narradora - é a mulher tornada aia, June. Após uma tentativa frustrada de fuga pelo Canadá, ela é separada de seu marido e filha, sendo levada a um espaço de reeducação para mulheres férteis. É o começo do longo martírio da protagonista. Num amplo ginásio escolar transformado em dormitório, as aprendizes de aias são preparadas para seu novo papel social. Escolas como existiam na velha sociedade não seriam mais necessárias no novo regime: “Não há quaisquer datas depois da metade dos anos 1980. Esta deve ter

sido uma das escolas que foi fechada na época, por falta de crianças” (ATWOOD, 2017, p. 138). O regresso tecnológico é visível, “O sino que mede o tempo está tocando. O tempo aqui é medido por sinos, como outrora nos conventos das freiras. Também como nos conventos, existem poucos espelhos” (ATWOOD, 2017, p. 16).

Além da preocupação com a vaidade – nas residências da elite também não se encontravam espelhos ou maquiagem – o regime proibiu o uso geral da leitura e o acesso à educação em todos os níveis, centralmente às mulheres. Revistas e jornais foram fechados e os exemplares queimados em grandes fogueiras organizadas por populares tementes da depravação presentes naquelas páginas.

Aparentemente, o processo social educativo passou a ser desenvolvido apenas na esfera doméstica e focado para a preparação prática às funções já pré-definidas socialmente. Registre-se que nem regimes como o nazismo alemão chegou a proibir a escrita e o trabalho feminino, a despeito da feroz censura e da queima de obras proscritas, como ocorrido em *Gilead*.

As reeducadoras de mulheres férteis eram chamadas de Tias. Estas podiam utilizar limitadamente o recurso da escrita para controles específicos das aias pelas quais eram responsáveis. Tia Lydia é uma personagem importante na ficção e atrai sentimentos que oscilam entre certo carinho pesaroso e um ódio ardente por parte de June e das outras aias ou aprendizes. Em minúsculas formas de resistência no sistema totalitário, até o deboche poderia valer:

Na pintura do cubículo do banheiro, alguém desconhecido havia rabiscado: *Tia Lydia gosta de chupeta*. Era como uma bandeira acenada do alto de uma colina em sinal de rebelião. A simples ideia de Tia Lydia fazendo uma coisa dessas era por si só animadora (ATWOOD, 2017, p. 264).

Tia Lydia e suas ajudantes buscavam incutir nas mulheres o que as esperava, deixando claro que não existia opção melhor naquele momento, segundo as frases mânticas proferidas durante o curso reeducativo e relatadas na narração de June: “O costumeiro, dizia Tia Lydia, é aquilo a que vocês estão habituadas. Isso pode não parecer costumeiro para vocês agora, mas depois de algum tempo será. Irá se tornar costumeiro” (ATWOOD, 2017, p. 46); “A República de Gilead, dizia Tia Lydia, não conhece fronteiras. Gilead está dentro de você” (ATWOOD, 2017, p. 34). O período de formação naquele espaço preparava as futuras aias para sua função social reprodutora junto às mansões de Comandantes. Em certo momento, a narradora vislumbra certa acomodação e desânimo ante o regime e o projeto ali

aplicado: “Já estávamos perdendo apreço pela liberdade, já estávamos achando aquelas paredes seguras” (ATWOOD, 2017, p. 162).

De fato, era pouco animador o destino após a formação das aias. Indicadas para os comandantes específicos, em breve assumiriam a posição nas casas de família e tentariam procriar a partir de sessões rituais, que na prática eram estupros “consentidos”, cenas, aliás, das mais chocantes na série televisa, inclusive quando utilizado para acelerar o parto de June. Os telespectadores reagiram a tal cena e ao suposto exagero de sua utilização durante a segunda temporada.⁸ Em função de tal reação do público, a terceira temporada fez modificações e reduziu as cenas fortes de estupro. Sobre as sessões, June assim descreve tais atos legitimados pelo regime:

O que ele está fodendo é a parte inferior de meu corpo. Não digo fazendo amor, porque não é o que ele está fazendo [...]. Tampouco estupro descreve o ato: nada está acontecendo aqui que eu não tenha concordado formalmente em fazer. Não havia muita escolha, mas havia alguma, e isso foi o que escolhi (ATWOOD, 2017, p. 115).

Após dar à luz, a aia podia amamentar seu bebê por algum tempo, mas oficialmente a mãe da criança seria a esposa da casa, que passava por um ritual de “parto” simulado junto das aias no momento da concepção. Natural em uma sociedade altamente religiosa, a realização de rituais sacraliza e garante a legitimidade das intenções esdrúxulas deste caso.

Janine terá permissão para amamentar o bebê, durante alguns meses, elas acreditam em leite materno. Depois será transferida, para ver se consegue fazer de novo. Com alguma outra pessoa que precise de ajuda. Mas nunca será mandada para as Colônias, nunca será declarada uma *Não mulher*. Essa é sua recompensa (ATWOOD, 2017, p. 154-155).

Às mulheres lésbicas – potencialmente não seriam reprodutoras - também eram indicados pelo regime os chamados estupros reeducativos, além da retirada do clitóris. Ter o destino das colônias, longe das casas da elite comandante e dos trabalhadores e suas famílias, significava a morte certa por se tratar de trabalho escravizado em zona de forte contaminação.

Na obra escrita, Atwood sugere que num futuro distante, no ano de 2195, ocorreriam estudos sobre a sociedade e o regime de *Gilead*. Nestes debates eram dis-

8 Sobre isso, ver <https://extra.globo.com/tv-e-lazer/nova-temporada-de-the-handmaids-tale-nao-pretende-ser-tortura-para-publico-diz-criador-23719126.html>. Acesso em: 15 jan. 2020.

cutidas e analisadas as características do regime já não mais existente, uma forma da autora descortinar as entranhas dos sistema totalitário ao leitor:

O regime criou uma reserva imediata dessas mulheres ao declarar adúlteros todos os segundos casamentos e ligações extra-conjugais, prendendo as parceiras de sexo feminino, e, com o fundamento de que elas eram moralmente inaptas, confiscando os filhos e filhas que já tivessem, que foram adotados por casais sem filhos dos escalões superiores que eram ávidos por ter pro-gênie, quaisquer que fossem os meios empregados (ATWOOD, 2017, p. 357).

As pouco numerosas crianças filhas de mulheres “inaptas moralmente” também foram redistribuídas para as famílias dominantes, enquanto suas mães ainda férteis eram selecionadas e colocadas à disposição para o ritual de estupro acompanhado presencialmente pelas esposas fieis e religiosas.

[...] Desse modo, homens ocupando altas posições no regime puderam escolher a dedo entre as mulheres que tinham demonstrado ser aptas reprodutivamente ao terem concebido e dado à luz uma ou mais crianças saudáveis, uma característica desejável numa era de índices de natalidade caucasianos em queda livre, um fenômeno observável não só em *Gilead*, mas também na maioria das sociedades caucasianas do norte na época (ATWOOD, 2017, p. 357).

Os motivos desse declínio de natalidade têm importantes pistas especialmente na trama escrita. Além de epidemias de doenças sexualmente transmissíveis, a liberalização do aborto, a homossexualidade e “também a infame epidemia de aids que, uma vez disseminadas livremente entre a população, eliminaram muitas pessoas jovens sexualmente ativas” (ATWOOD, 2017, p. 357). Além destes, ainda são elencados eventos como a ocorrência de bebês natimortos e com deformidades genéticas, acidentes nucleares, vazamento de armas químicas, uso descontrolado de inseticidas, herbicidas e uma crise ambiental aguda.

Todo este cenário foi um prato cheio para o discurso conservador moralista que passou a sugerir o retorno à tradição, aos cuidados familiares, ao recato e a ordem social, parte do que sugeria Kirk nos seus princípios conservadores, a despeito de que jamais ele chegou a defender publicamente um regime nos moldes de *Gilead*. Importa ressaltar que tal sistema de aias reprodutivas tinha, segundo os ideólogos do regime, precedentes bíblicos, ou seja, a prática antiga da poligamia simultânea, praticada nos tempos primitivos do Velho Testamento, texto de onde surgiu, aliás, o próprio nome da República Sagrada. Assim, o regime proibia a inseminação artificial, mas estimulou as mães de aluguel obrigadas socialmente

ao ritual de estupro familiar, algo assim justificado por parte do Comandante Fred, primeiro comandante a receber June em sua casa: “Da maneira como fazemos estão protegidas, podem realizar seus destinos biológicos em paz. [...] Tudo o que fizemos foi pôr as coisas de volta, de acordo com as normas da Natureza” (ATWOOD, 2017, p. 261).

Ainda sobre o funcionamento do regime, de maneira curiosa e ao contrário de boa parte dos conservadores extremos da atualidade, que tendem a minorar a importância da preservação da natureza, *Gilead* teria um cuidado muito especial com o tema ambiental, após a humanidade chegar ao limite do sustentável. Na série televisiva, o Comandante Fred comenta em certo momento o alto investimento em energia solar nas cidades da República, enquanto as dificuldades de alimentação são cotidianamente sentidas: “Os lugares de pesca no mar tornaram-se extintos há vários anos; os poucos peixes que temos agora vêm de fazendas marinhas onde são criados em cativeiro, e têm gosto de lama” (ATWOOD, 2017, p. 197).

Os alimentos são racionados e distribuídos a partir de tickets, o isolamento da República sagrada é importante no cenário internacional e mesmo a carne é um prato raro: “[...] a carne é cara, e mesmo os Comandantes não comem carne todos os dias [...] Não existem mais muitas coisas de plástico” (ATWOOD, 2017, p. 39). Na ficção, ao menos o meio ambiente os conservadores extremos foram obrigados a preservar e tentar despolui-lo.

Como sistema totalitário, o regime de *Gilead* se mantém graças a um investimento maciço no terror e na militarização da sociedade. Aparentemente, boa parcela da população ocupa o serviço de policiamento amplo nas cidades. Armamento pesado e absoluta intolerância, julgamentos sumários sem direito a advogado de defesa e o muro dos enforcamentos são as tônicas para controle social via repressão e medo.

Há três novos corpos no Muro. Um é de um padre, ainda vestindo a batina preta. A batina foi posta nele para o julgamento, embora tenham desistido de usá-las há anos, quando as guerras entre as seitas começaram. Os outros dois têm cartazes púrpura pendurados ao redor do pescoço: Traição por falsidade de Gênero. Seus corpos ainda estão vestidos com os uniformes dos guardiões. Foram apanhados juntos, devem ter sido, mas onde? Numa caserna, num chuveiro? (ATWOOD, 2017, p. 55).

Homossexualidade é um crime punido com a morte, assim como adultério. Na série da TV, uma mulher adúltera e seu amante não são enforcados, mas jogados em uma piscina com um peso em seus corpos para afogamento, em sessão aberta

ao público, incluindo os pais dos condenados. A violência de Estado contra crimes de moral mantém o clima de absoluto terror e garante o funcionamento do sistema social.

Socialmente, o regime se mantinha com uma forte divisão de tarefas sociais, lembrando o esquema feudal dos estamentos. As Marthas trabalhavam na manutenção das residências dos comandantes, eram mulheres nem aptas à procriação nem para o casamento com a elite comandante da República. As Esposas casadas com os comandantes cumpriam o papel de parceria no casal modelo na sociedade. Caso fossem estéreis, recebiam em sua casa uma aia. Não iam para as colônias em função de sua posição político-social. Neste trecho da obra, temos um resumo das tarefas sociais e medos de Marthas e Esposas:

[...] às vezes, contudo, Serena Joy está fora de casa, visitando outra Esposa de Comandante, uma que esteja doente; esse é o único lugar que seria concebível que ela fosse sozinha, à noite. Ela leva comida, um bolo ou uma torta ou um pão feito por Rita, ou um pote de geleia das folhas de menta que são cultivadas em seu jardim. Elas ficam doentes com frequência, essas Esposas de Comandante. Isso acrescenta interesse às suas vidas. Quanto a nós, as Aias e mesmo as Marthas, evitamos doenças. As Marthas não querem ser obrigadas a se aposentarem, porque quem sabe para onde vão? Você não vê mais tantas mulheres mais velhas circulando. E quanto a nós, qualquer doença real, qualquer indolência, fraqueza, uma perda de peso ou apetite, uma queda de cabelo, uma deficiência das glândulas, seria terminal (ATWOOD, 2017, p. 185).

Na trama, Serena é a Esposa do comandante Fred. O casal recebe em sua casa a aia originalmente registrada June nos velhos EUA, mas rebatizada como *Offred*, ou seja, ela recebia, assim como todas as outras aias, uma nova identidade vinculada ao nome do comandante que a acolhia. Ao mudar de casa, mudava-se a identidade.

Os trabalhadores urbanos, ou econopessoas, pouco presentes na trama, também podiam manter suas famílias, dentro do conceito familiar do regime, e trabalhavam em diversas funções no novo desenho em *Gilead*. Mulheres férteis em situação estável de primeiro casamento seguiam sem trabalhar fora de casa e cuidavam da reprodução de cada célula. Aparentemente não eram assalariados, vivendo com o sistema de tickets e distribuição de alimentos. Colocada como uma República sitiada, o peso militar era imenso tanto nas fronteiras, algo percebido nos comentários domésticos, como nas ruas da cidade e locais de trabalho, cenários essenciais descritos por Atwood.

Apesar da sombra totalitária do regime, curiosos espaços de resistência e fuga de padrões se estabeleceram o tempo todo na trama. Especialmente por ter como cenário o núcleo doméstico, ali são registradas situações interessantes, como a vasta biblioteca do comandante Fred, sua coleção de revistas já proscritas pelo regime e as conversas proibidas, além dos jogos, com sua aia, June.

[...] por toda parte sobre as paredes há estantes. Elas estão cheias de livros [...] Livros e livros e livros, bem ali, bem visíveis a olho nu, sem trancas, sem caixas. Não é de espantar que não possamos entrar aqui. É um oásis do que é proibido. Tento não ficar olhando (ATWOOD, 2017, p. 166).

O Comandante justifica tal situação colocando-se como privilegiado: “Alguns de nós [...] conservam um apreço pelas coisas antigas. [...] Mas todas as revistas deveriam ter sido queimadas, eu disse. Houve busca de casa em casa, fogueiras...” (ATWOOD, 2017, p. 189). A esposa Serena organiza, durante a trama, diversas fugas das obrigações do regime, tendo grande destaque o esforço para que o motorista Nick engravidasse Offred, considerando que o Comandante aparentemente era infértil, algo desconsiderado pelo regime. Assim, Serena rompe o ritual do estupro e obriga a relação entre ambos, que já se sentiam atraídos: o pai biológico da filha nascida de June, imediatamente adotada por Serena, seria o motorista, e não o Comandante.

Fora do ambiente doméstico, Fred leva sua aia para saídas noturnas rumo a *Jezebel*, local destinado a ofertar prostitutas. Funcionava nos moldes de secretos clubes e eram frequentados pela elite dos comandantes de *Filhos da Jacó*. Fica evidente o descontrole da elite política com uma vida mundana diferente do regime imposto a toda sociedade.

A partir de *Jezebel* ocorre uma das mais significativas fugas na série televisiva, quando a personagem lésbica Moira foge e chega ao Canadá, conseguindo se somar aos refugiados de lá. No mesmo espaço, June assassina um membro do alto escalão do regime e consegue incinerar o cadáver, contando com o apoio das Marthas do local. A partir da ação das Marthas surge, aliás, o sistema mais forte de resistência interna ao regime e tal temática ganha destaque na trama televisiva na terceira temporada. Mesmo o segundo comandante que recebe June em sua residência, Lawrence, além de manter ainda mais privilégios e rupturas cotidianas – quadros de arte, discos, livros... -, representa certa dissidência e resistência passiva ao regime.

Lawrence não realiza os estupros cerimoniais e ainda contribui com fugas de aias, crianças e Marthas. A resistência ao regime se torna foco especialmente a

partir do final da segunda temporada e toda a terceira, não sendo um tema desenvolvido na obra original de 1985. A organização *Mayday* é mencionada constantemente na obra, bem como a Rota Clandestina Feminina. Ambas tinham ligações: a primeira realizava operações militares, a segunda operações de resgate e apareciam subliminarmente na trama e a partir de comentários de aias ou Marthas.

Ao final da segunda temporada, é organizada uma fuga e June prefere ficar, deixando sua filha nas mãos de outra aia para que a levasse e entregasse ao seu marido, que havia conseguido fugir e se refugiado no Canadá. Ela fica na perspectiva de uma resistência maior, observada na terceira temporada, encerrada com uma espetacular fuga aérea de dezenas de crianças, além da prisão do comandante Fred, no Canadá. A quarta temporada, sem previsão quando encerramos este artigo, deve seguir neste contexto e trazer novos elementos.

Buscando uma reflexão nada conclusiva: *Gilead* é uma possibilidade?

Como Atwood sugere na sua obra escrita em dada altura, “havia muito pouco de verdadeiramente original ou nativo em Gilead: sua genialidade foi a síntese” (ATWOOD, 2017, p. 361). Como largamente comentado neste texto, a autora bebeu de regimes políticos diversos para constituir as características da República Sagrada. Ditaduras do cone sul, os aspectos repressivos do Irã – e outras teocracias parciais ou plenas - pós 1979, costumes cristãos ou islâmicos do passado colonial, além de determinados valores bíblicos.

A estes aspectos ela incluiu na construção ficcional a conjuntura de avanço militante conservador nos EUA a partir dos 1970. Bebendo das elaborações da autora, podemos descartar a possibilidade de um regime nos moldes de *Gilead* se concretizar em alguma parte do planeta?

Especialmente em um período marcado pelas dificuldades do capitalismo pós 2008 e os importantes ataques ao *welfare state* em termos globais, o discurso conservador, aparentemente antissistêmico, ganha seu espaço nos moldes sugeridos em o Conto da Aia. Na ficção, o elemento subjetivo ultraconservador eliminou fisicamente o Presidente e parte do Congresso dos EUA em um atentado, embora não assumido. O regime passou a fechar-se a partir desse momento específico. Na atual conjuntura, não parece existir nenhum grupo semelhante aos “Filhos de Jacob” com influência suficiente para a derrubada do regime democrático liberal em qualquer uma das principais nações do mundo.

Ao mesmo tempo, se percebe a preferência da maioria dos ultraconservadores por uma aliança com o ideário liberal financista na economia, obviamente muito distante do totalitarismo “comunitário” pré-capitalista da ficção distópica. Para a ruptura democrática e a constituição de uma *Gilead*, tal aliança seria desfeita e os setores obscurantistas precisariam de outra base de apoio que aceitasse o imenso regresso tecnológico e civilizatório. Este cenário parece bastante improvável em um contexto no qual as forças ultraconservadoras têm convivido no limite dos espaços democráticos, a despeito de importantes crises e acirramentos com estes.

Constituir uma *Gilead* na atualidade significaria uma ruptura de relações internacionais, um imenso isolamento no sistema de Estados internacional e o investimento maciço na esfera militar, tanto para defesa externa, como para sustentação do regime interno. Seria uma ruptura com o mercado e com os interesses de quase toda burguesia proprietária.

Tal recuo civilizatório necessitaria de uma ampla base social disposta a viver e acreditar no futuro melhor quando tudo à sua volta regride, além da falência de possíveis alternativas intermediárias, que geralmente surgem nas crises de fundo. Assim, talvez um certo otimismo humanista permita afirmar as impossibilidades de um regime como *Gilead* no mundo atual.

Por outro lado, fragmentos e aspectos desta sociedade, os mesmos que foram unidos e problematizados por Atwood, ainda persistem e tendem ao exacerbamento mais de três décadas após a obra seminal. A polarização entre a defesa de inúmeros avanços sociais, étnicos e liberdades democráticas e a batalha político-moral contra tais direitos, atualmente combinados com um capitalismo altamente desertificador, de tendência parasitária, especulativo e concentrador de riquezas tende a crescer no próximo período.

Neste sentido, qualquer previsão é temerária, afinal, a história não é adivinhação e os historiadores podem, no máximo, apontar cenários e possibilidades. Um futuro distópico que confirme as piores ficções futuristas – apocalípticas ou totalitárias – depende fundamentalmente da queda vertiginosa do sistema capitalista bem como dos regimes democráticos que o sustentam, combinado com um força subjetiva que consiga vencer a polarização acima indicada e impor o regresso civilizacional como alternativa antissistêmica.

Se no século XIX o comunismo seria um fantasma a rondar a Europa, algo confirmado tenuemente na Comuna de Paris e solidamente nas experiências – problemáticas, mas também inovadoras – do século XX, a extrema direita e seu projeto societal tenta se colocar como alternativa de poder e trazem na mala a de-

fesa da velha sociedade, da tradição e dos tempos antigos nos quais supostamente não haveria a degradação hoje observada.

Tal fantasma poderá puxar os pés da humanidade numa noite qualquer, caso o obscurantismo regressista venha a se tornar a saída desejada por parte importante desta sociedade global. Por ora, seguimos na disputa pelos rumos da civilização e por projetos societais. Há possibilidades reais que polarizações importantes por disputas neste sentido ocorram em várias partes do planeta e com desfechos absolutamente imprevisíveis. Neste cenário que nos cerca, importante não esquecer uma frase central destacada na história, lida por June numa parede e escrita por uma aia suicida: *Não deixe que os bastardos esmaguem você.*⁹

Referências Bibliográficas

- ATWOOD, Margaret. **O Conto da Aia**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2017.
- BIANCHI, Alvaro. Buckley Jr., Kirk e o renascimento do conservadorismo nos Estados Unidos. In: CRUZ, Sebastião Velasco e; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo. (Org.) **Direita, volver! O retorno da direita e o ciclo político brasileiro**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015.
- KIRK, Russel. **A política da Prudência**. São Paulo: É Realizações, 2014.
- MELLO FILHO, Marcelo Soares Bandeira de. **A economia política do governo Reagan: Estado neoliberal, tributação e gasto público federal nos Estados Unidos da América entre 1981 e 1988**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Economia, 2011.
- POWER, Margaret. Conexões transnacionais entre as mulheres de direita: Brasil, Chile e Estados Unidos. In **Varia História**. Belo Horizonte: vol. 30, nº 52, 2014.
- PURDY, Sean. O século americano. In: KARNAL, Leandro *et al.* **História dos Estados Unidos das origens ao século XXI**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

9 Marx e Engels abriram o Manifesto Comunista de 1848 com os seguintes dizeres: “UM ESPECTRO RONDA A EUROPA – o espectro do comunismo. Todas as potências da velha Europa aliaram-se numa sagrada perseguição a esse espectro, o Papa e o Czar, Metternich e Guizot, radicais franceses e policiais alemães”. No presente artigo optou-se pela expressão “fantasma”, sinônimo de espectro neste contexto.